



## GT 015. Antropologia das Mobilidades Contemporâneas

André Dumans Guedes (GSO/UFF) -  
 Coordenador/a, Candice Vidal e Souza (PUC Minas) -  
 - Coordenador/a, Luzimar Paulo Pereira  
 (Universidade Federal de Juiz de Fora) -  
 Debatedor/a

Este grupo de trabalho pretende abrigar pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. Buscamos dialogar com trabalhos que abordem as formas e significados de experiências, práticas e representações diversas sobre o deslocamento, em diferentes contextos socioespaciais e temporais. Para tal fim, sugerimos que os trabalhos tratem de uma ou mais das seguintes questões: 1) as formas de mobilidade ou deslocamento cotidiano, seus arranjos espaço-temporais característicos e sua relação com formas de organização de coletivos, identidades e institucionalidades; 2) as diferenças nos deslocamentos (ou nas imobilidades) pensadas em suas relações com as capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover e ter acesso ao mundo, em razão de situações de classe, gênero, localização, etnia, idade ou valores religiosos e morais; 3) as propostas e reflexões metodológicas para o estudo de sujeitos em movimento. As mobilidades em questão podem situar-se no interior de áreas urbanas, rurais ou naturais; ou entre tais espaços. Nesse sentido, buscaremos orientar nossa discussão coletiva pelo diálogo com aquelas reflexões pioneiras sobre o tema surgidas dos estudos sobre o campesinato brasileiro. O que há de particularmente inspirador nestes estudos, balizando aqui nossa discussão, é a estratégia de analisar as múltiplas formas e modalidades de movimento conjuntamente com a diversidade de vocabulários, linguagens e formas narrativas de que se servem aqueles em deslocamento.

### "Saber andar numa folia": deslocamentos festivos em Urucuia, MG

**Autoria:** Luzimar Paulo Pereira

No município de Urucuia e entorno, no Norte de Minas Gerais, o vocábulo "folia" evoca a realização de longos deslocamentos festivos, quando grupos de cantadores e instrumentistas visitam, durante um período de tempo determinado pelo calendário religioso, as casas, as fazendas, os cemitérios e as igrejas de um território previamente estabelecido. As jornadas são conhecidas como "giros". Neles os grupos se deslocam para coletar oferendas necessárias e obrigatórias ao custeio de uma reza a ser realizada no dia dedicado ao santo homenageado. Em troca do que é recolhido, os cantadores e tocadores distribuem bênçãos aos doadores, além de auxiliá-los no cumprimento de suas promessas e contribuindo para que almoços, jantares e bailes sejam oferecidos em suas passagens. O giro pode ser descrito como um modo singular de se fazer uma festa, expresso numa frase muitas vezes ouvida durante sua realização: "Para sair no giro, tem que saber andar na folia". A expressão "saber andar na folia" indica que a festa exige de seus participantes o domínio de uma espécie de retórica da caminhada: uma arte do deslocamento que evoca estilos e usos, que delinea singularidades ao mesmo tempo em que faz referência a determinadas regras de ação. Num primeiro momento, "saber andar na folia" delinea o próprio gesto de se deslocar entre e através de lugares: por onde andar, quando, seguindo qual rumo e que orientação? Num sentido amplo, "saber andar na folia" também implica modos de se comportar, de se vestir, de executar certas etiquetas relativas ao visitar, receber convidados etc. Nessa apresentação, pretendo explorar etnograficamente a ideia de que, sendo uma festa em movimento, a folia também precisa ocorrer com a estabilização de certas normas e estratégias de movimentação. Atualizadas nas práticas de se fazer o giro ou sujeitas a diversos imponderáveis observados durante as festas, a estabilização de normas e estratégias de deslocamento contribuem para unificar e/ou distinguir grupos e devotos.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

